

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE MEDICINA

CAMILA BORGES DE MENDONÇA

A MORTE SOB A ÓTICA DO ASSASSINO EM SÉRIE

MACEIÓ

2021

CAMILA BORGES DE MENDONÇA

A MORTE SOB A ÓTICA DO ASSASSINO EM SÉRIE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a coordenação do curso de
Medicina da Universidade Federal de
Alagoas

Orientador: Gerson Odilon Pereira

MACEIÓ

2021

TANATOLOGIA

Desmistificando a Morte e o Morrer

———— Gerson Odilon Pereira ————



sarvier

TANATOLOGIA

DESMISTIFICANDO A
MORTE E O MORRER

TANATOLOGIA
DESMISTIFICANDO A MORTE E O MORRER

GERSON ODILON PEREIRA

Capa

Ana Carolina Vidal Xavier

Foto capa

Death and the miser. Oil painting by Frans II van Francken

Fotolitos/Impressão/Acabamento

Editora e Gráfica Santuário Aparecida

Fone: (12) 3104-2000

Direitos Reservados

Nenhuma parte pode ser duplicada ou reproduzida sem expressa autorização do Editor

sarvier

Sarvier Editora de Livros Médicos Ltda.
Rua dos Chanés 320 – Indianópolis
04087-031 – São Paulo – Brasil
Telefone (11) 5093-6966
sarvier@sarvier.com.br
www.sarvier.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pereira, Gerson Odilon

Tanatologia : desmistificando a morte e o morrer /
Gerson Odilon Pereira. -- São Paulo : SARVIER, 2020.

ISBN 978-85-7378-274-5

1. Cuidados paliativos 2. Doentes em fase
terminal – Cuidados 3. Morte – Aspectos filosóficos
4. Morte – Aspectos morais e éticos 5. Morte –
Aspectos psicológicos 6. Morte – Aspectos religiosos
7. Morte – Causas 8. Tanatologia I. Título.

CDD-155.937

19-30764

-612.67

Índices para catálogo sistemático:

1. Tanatologia : Morte : Aspectos psicológicos
155.937
 2. Tanatologia : Morte : Ciências médicas 612.67
- Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Sarvier, 1ª edição, 2020

A Morte sob a Ótica do Assassino em Série

Camila Borges de Mendonça
Higgor Amadeus Martins
José Victor de Mendonça Silva

O processo da morte, apesar de fazer parte de um curso biologicamente natural, vem assumindo diferentes significados ao longo dos séculos, sofrendo variações conforme diversos grupos sociais ou religiosos, ou mesmo diferentes contextos históricos (COMBINATO e QUEIROZ, 2006). Segundo Diniz e Aquino, na Idade Média, por exemplo, um período em que a Igreja Católica exercia grande influência, a morte era vista como algo natural, de forma que o homem se preparava para esse momento. Já dentro de uma perspectiva budista, a morte está relacionada ao abandono de oito partes da consciência do corpo, sendo elas: visão, audição, tato, olfato, paladar, o sentido mental, o centro do pensamento e a própria consciência. O assassino em série, no entanto, tem o assassinato como uma caricatura burlesca do funcionamento sexual normal, de modo que a morte da sua vítima se expressa, dentro da sua visão, como o ponto máximo da sua excitação (SCHECHTER, 2013).

O termo “serial killer” ou assassino em série foi utilizado pela primeira vez pelo agente do FBI Robert Ressler, na década de 70, para se referir a indivíduos que cometiam assassinatos sequenciais. As definições que cercam esse tipo de criminoso, no entanto, são controversas, de forma que a descrição do assassino em série pelo Instituto Nacional de Justiça dos Estados Unidos é tida como a mais aceita e pode ser definida como: “Uma série de dois ou mais assassinatos cometidos como eventos separados, geralmente, mas nem sempre, por um criminoso atuando sozinho. Os crimes podem ocorrer durante um período de tempo que varia de horas a anos” (SCHECHTER, 2013).

Quando na análise de um contexto familiar, segundo Marta e Mazzoni, observa-se que cerca de 80% dos assassinos em série tiveram uma infância traumática, marcada por danos físicos e/ou emocionais. No Brasil, isso se expressa, principalmente, através de negligência, dificuldade escolar e violência sexual precoce. Casoy também evidencia uma tríade bastante comum nesses indivíduos, constituída por: enurese noturna em idade avançada, piromania e sadismo precoce, que geralmente surge sob a forma de crueldade com os animais. Dessa maneira, com base em tais circunstâncias, apresentam maior tendência a desenvolver uma personalidade antissocial, procurando isolar-se da sociedade ou vingar-se dela (MOURA, 2017). Nesse sentido, a morte se apresenta como um símbolo de fantasia do serial killer (MARTA e MAZZONI, 2009), que tem no ato de matar uma reafirmação do seu poder e autoestima, geralmente fragilizados pelos problemas sociais evidenciados.

Fundamentando-se no Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, de 2014, o Transtorno de Personalidade Antissocial pode ser caracterizado por um padrão de desconsideração e violação dos direitos dos outros, sendo necessária a idade mínima de 18 anos para o seu diagnóstico. Para isso, o indivíduo deve apresentar alguns destes critérios:

“A. Um padrão difuso de desconsideração e violação dos direitos das outras pessoas que ocorre desde os 15 anos de idade, conforme indicado por três (ou mais) dos seguintes:

- 1. Fracasso em ajustar-se às normas sociais relativas a comportamentos legais, conforme indicado pela repetição de atos que constituem motivos de detenção.*
- 2. Tendência à falsidade, conforme indicado por mentiras repetidas, uso de nomes falsos ou de trapaça para ganho ou prazer pessoal.*
- 3. Impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro.*
- 4. Irritabilidade e agressividade, conforme indicado por repetidas lutas corporais ou agressões físicas.*
- 5. Descaso pela segurança de si ou de outros.*
- 6. Irresponsabilidade reiterada, conforme indicado por falha repetida em manter uma conduta consistente no trabalho ou honrar obrigações financeiras.*
- 7. Ausência de remorso, conforme indicado pela indiferença ou racionalização em relação a ter ferido, maltratado ou roubado outras pessoas.*

B. O indivíduo tem no mínimo 18 anos de idade.

C. Há evidências de transtorno da conduta com surgimento anterior aos 15 anos de idade.

D. A ocorrência de comportamento antissocial não se dá exclusivamente durante o curso de esquizofrenia ou transtorno bipolar” (DSM-5, 2014, p.659).

É importante ainda salientar que esses crimes em série se conectam por três elementos – o modus operandi, o ritual e a assinatura – que estão relacionados diretamente ao prazer desses assassinos (WANDERLEY et al, 2004).

O modus operandi refere-se ao modo de agir do homicida, que pode ser classificado em organizado ou desorganizado. Os organizados caracterizam-se por um maior planejamento do crime, agindo com maior cautela e possuindo o estupro e a tortura como formas de gratificação pessoal; geralmente são casados e bem empregados, passando uma imagem de “cidadão exemplo”. Já aqueles classificados como desorganizados costumam agir por impulso, deixando muitas evidências nos locais dos crimes; além disso, trocam de emprego com maior frequência e têm o estupro e a mutilação post mortem como forma de prazer (MARTA e MAZZONI, 2009).

O ritual consiste no comportamento necessário para a realização do crime, como os cativéis, parafilias e escravidão (SILVA, 2017). Para a realização dessas fantasias, o pesquisador Dr. Joel Norris dividiu o ritual em seis fases. A primeira é a Fase Áurea, marcada pela perda de compreensão da realidade por parte do assassino; segue-se pela Fase da Pesca, que corresponde à procura pela vítima ideal. Segundo Casoy, essas vítimas costumam ser pessoas à margem da sociedade, como prostitutas ou caronistas, pois existe uma tendência de maior atraso para identificar o desaparecimento destas. A terceira fase é a Galanteadora, que ocorre quando o assassino seduz sua vítima. Em sequência ocorrem a Fase de Captura e a Fase de Assassinato, sendo este o momento de clímax excitatório para o assassino: a morte da sua vítima. A última fase é a Fase de Depressão, associada a um período de calma, antes de iniciar esse ciclo novamente (MOURA, 2017).

Vale ainda considerar que, conforme evidenciado por Moura, em alguns casos, os serials killers levam para casa uma “lembrança” de suas vítimas, como peças de roupa e fios de cabelo. Esses objetos funcionam como “troféus” e os ajudam a lembrar o deleite que sentiram com o sofrimento de suas vítimas (SCHECHTER, 2013).

Já a assinatura corresponde a uma junção do modus operandi com o ritual, definida pela apresentação de comportamentos característicos do assassino a fim de se satisfazer, podendo incluir, por exemplo, uma permanência prolongada no local do crime ou a prática de ferimentos específicos (WANDERLEY et al, 2004).

Como esses atos configuram-se como fonte máxima de bem-estar, os assassinos em série tentam não ser capturados, a fim de prolongar a causa do seu regozijo. Quando isso acontece, portam-se como pessoas inocentes, na tentativa de enganar autoridades policiais e outros presos. Além disso, não utilizam o tempo de encarceramento para refletir sobre seus atos ou buscar um tratamento psiquiátrico, mas, sim, para pensar no seu próximo crime (MOURA 2017).

Dessa forma, com base nos aspectos expostos, pode-se observar que, a partir da perspectiva do assassino em série, a morte é pervertida e passa a assumir um caráter sexual, e, portanto, de prazer para o indivíduo. Em uma parcela considerável dos casos, isso se relaciona a episódios de humilhação durante a infância, de forma que, ao cometerem seus crimes, a sensação de poder faz com que tenham sua autoestima restabelecida, até que essa carência retorne, e eles sintam a necessidade de matar novamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMERICAN PSYQUIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.
2. CASOY, Ilana. **Serial Killer – louco ou cruel?** 2. Ed. São Paulo: WVC, 2002.
3. CASOY, Ilana. **Serial killers: made in Brasil**. Arx, 2014.
4. COMBINATO, Denise Stefanoni; Marcos de Souza, QUEIROZ. **Morte: uma visão psicossocial**. Campinas, 2006.
5. DINIZ, Ana Carolina; AQUINO, Thiago Avellar de. **A relação da religiosidade com as visões de morte**. Paraíba, 2009.
6. MARTA, Tais Nader; MAZZONI, Henata Mariana de Oliveira. **Assassinos em série: uma questão legal ou psicológica?** São Caetano do Sul, 2009.
7. MOURA, Mariana Dias de. **Serial killers: o prazer na morte**. Ariquemes, 2017.
8. SCHECHTER, Harold. **Serial killers: Anatomia do mal**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2013.
9. SILVA, Amanda Monique da. **O perfil criminológico dos assassinos em série**. Caruaru, 2017.
10. WANDERLEY, Ana Carolina et al. **Prazer, meu nome é morte**, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Junho, 2004.